

## Sobre o projeto

Conversa entre Bruno Moreschi e a assistente de curadoria Laura Consendy

---

**Laura Cosendey:** Seu trabalho tem a particularidade de se desenvolver ao longo da Bienal, de se alimentar justamente do que ainda vai acontecer, e contaminar o arquivo oficial da instituição. Como você encara essa forma de trabalhar?

**Bruno Moreschi:** Encaro como um convite para pensar a Bienal de uma maneira não tradicional. Quatro perguntas nos interessam: o que é presença hoje? O que as pessoas não especializadas têm a dizer? O que reverbera (do prédio para o resto do mundo)? E o que fica?

São perguntas propositadamente amplas. Gosto de lembrar à equipe que trabalha comigo (o pesquisador parceiro Gabriel Pereira, a produtora Nina Bamberg, o programador Bernardo Fontes e o designer Guilherme Falcão) que não precisamos provar nada. Queremos reunir o resultado de experiências que não são aquelas que costumam constituir um arquivo oficial. Uma imagem me orienta desde o início: no futuro, alguém chega à Bienal para estudar a 33ª edição e se depara com o arquivo oficial esperado, mas também com outro conjunto de documentos, que são fruto de nossas ações. Gosto de imaginar que isso pode ser um convite para esse pesquisador. “Olha, você também pode incluir em sua pesquisa esse modo experimental de construir o passado, resignificá-lo ainda mais, não se contentar apenas com o ontem formalizado da maneira esperada.”

**L.C.:** Como essas ações se afastam do convencional?

**B.M.:** Elas têm em comum a característica de ampliar os discursos oficiais construídos e propagados pela curadoria e a instituição durante a 33ª Bienal. Para além dessa oficialidade, há uma série de outras compreensões possíveis. Para ficar só em alguns exemplos: o que os guardas e o pessoal de limpeza, que convivem diariamente com a arte exposta ali, têm a dizer sobre a mostra? Leituras alternativas também são produzidas quando as imagens e os textos da 33ª Bienal (e de outras edições) são interpretados por Inteligências Artificiais (IA) não totalmente treinadas para entender o sistema da arte.

**L.C.:** É como se a programação, as IAs, fossem encaradas como uma voz, não? Uma voz que diz coisas diferentes da instituição e do público especializado. Seu projeto tem um olhar sobre esse conteúdo, destacando o lado humano da sistematização de dados.

**B.M.:** Essa é uma preocupação que Gabriel Pereira e eu já tínhamos em projetos anteriores. Temos um grande interesse em entender como as IAs se comportam diante de materiais relacionados ao sistema da arte.

Quando elas interpretam imagens complexas, como as do campo artístico, é comum não conseguirem dar conta da subjetividade humana desses conteúdos. Por um lado, seus resultados nivelam a arte de uma maneira bastante desconcertante; mas também oferecem interpretações alternativas que, a meu ver, não devem ser descartadas. Uma escultura de Max Bill é lida como um refrigerador (ressaltando o fato de que o objeto de arte é, também, produto); um visitante da Bienal parado na frente de um quadro é descrito como um consumidor parado na frente da vitrine de uma loja; o prédio da Bienal é definido como um condomínio de luxo (relacionando arte contemporânea com elitismo); e uma parede expositiva é encarada, poeticamente, como um vasto horizonte. Não ignorar esses resultados inesperados, não tratá-los como simples erros nos ajuda a entender que essas IAs foram programadas a partir de certos valores, e que não estão em um campo distinto do humano; também carregam as ideologias, muitas delas problemáticas, de nossa sociedade.

**L.C.:** Muitas ações de seu projeto envolvem a participação do público. Como se dá essa ativação?

**B.M.:** Estamos interessados em registrar as reações do público no espaço expositivo, criar um canal de diálogo com os mediadores e oferecer a possibilidade das pessoas enviarem materiais sobre a 33ª Bienal para serem decodificados no website do projeto ([outra33.bienal.org.br](http://outra33.bienal.org.br)). Desse modo, a lógica se inverte: a passividade do “não entendo de arte contemporânea” dá lugar à ideia de participação. E, participando, esse visitante passa a ser corresponsável pela construção do discurso; é estimulado a ir além das posturas comuns, da crítica fácil ao artista e ao curador, e a encarar os compromissos de uma emancipação que ele reclamava que não lhe era oferecida antes.